



É PRECISO APRENDER

Estudantes de Brasília aprendem pouco ou quase nada sobre educação patrimonial. Goiás Velho, candidata ao título de patrimônio da humanidade, faz isso muito melhor

Brasília reprovada

(EM EDUCAÇÃO PATRIMONIAL)

João Luiz Marcondes
Da equipe do Correio

Até há pouco era a educação sexual que, aos poucos, passou a fazer parte da agenda diária de alunos das redes pública e particular. A bola da vez, agora, é a educação patrimonial. "Daqui a dez anos o tema 'patrimônio' será tão importante quanto o meio ambiente é hoje", compara o deputado federal Eduardo Campos (PSB PE), presidente da Frente Parlamentar em Defesa do Patrimônio Nacional.

Por enquanto, são tímidas as iniciativas para este tipo de educação no Distrito Federal. "Nem no Plano Piloto nem nas cidades existe conscientização em relação à importância do patrimônio", analisa Marta Sinoti, historiadora do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal (Depha), subordinado à Secretaria de Cultura.

O curso *Falas, Imagens e Lugares das Memórias no Distrito Federal*, promovido pelo Depha e pelo Núcleo de Estudos da Cultura e da Oralidade Imagem e Memória do Centro-Oeste (Necoim), da Universidade de Brasília (UnB), é uma destas iniciativas. Está em seu segundo ano de funcionamento. É dado a professores da rede pública do DF. O problema é a falta de verbas, material didático e docentes. Resulta-

Sérgio Amaral



SÃO POUCAS AS CHANCES QUE OS ESTUDANTES TÊM DE VISITAR E APRENDER A RESPEITAR O PATRIMÔNIO DE BRASÍLIA

do: apenas dez alunos estão fazendo o curso atualmente.

Com maior alcance é o programa de visitação ao Museu Vivo da Memória Candanga, no Núcleo Bandeirante. Funciona há dez anos e leva, em média, oito mil crianças da rede pública de ensino do DF para uma visita cívica todos os anos.

Por incrível que pareça o Distrito Federal já ganhou até um prêmio nacional do Iphan no quesito "Educação Patrimonial". Foi em 1998 com o projeto *Turista Apren-*

diz, que levou o prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade.

O *Turista Aprendiz* levava crianças de uma cidade do DF (Planaltina, por exemplo) para conhecer outra (Núcleo Bandeirante, por exemplo) a fim de saber um pouco sobre a história de cada lugar. Em Planaltina os estudantes do Núcleo Bandeirante eram ciceroneados por alunos da rede pública local. E vice-versa. Depois das visitas, os colegas passavam a trocar correspondência e informação acerca dos dife-

rentes lugares. O governo Roriz extinguiu o programa.

Secretário de Turismo à época do *Turista Aprendiz*, o agora deputado distrital Rodrigo Rollemberg (PSB) encaminhou um projeto de lei na Câmara Legislativa estabelecendo a Educação Patrimonial como tema obrigatório na rede pública do Distrito Federal. "Não será uma disciplina específica, mas sim conteúdo espalhado pelas matérias tradicionais", explica o deputado. O projeto de lei (1770/ 2000) está na fa-

se de análise das comissões.

Enquanto o projeto não é aprovado, o partido de Rollemberg, o PSB, promove diariamente passeios turísticos com guias em dois ônibus coloridos - que vão da Igrejinha à Praça dos Três Poderes. É gratuito e traz na palavra dos monitores noções de cidadania em relação ao patrimônio tombado em Brasília. É direcionado para estudantes e grupos de idosos. Basta ligar no número 348-8062 para agendar.

MIRE-SE NO EXEMPLO...

Primera capital do estado, com mais de 250 anos de uma história que mistura os estilos colonial e barroco, Goiás respira "patrimônio". Candidatou-se à Patrimônio Cultural da Humanidade em processo que atualmente tramita na Unesco, em Paris.

Em parceria com o Iphan local, o município lançou, em 1995, o programa *Conhecer Para Preservar — Preservar para Conhecer*. "O projeto leva crianças em visitas sistemáticas a monumentos históricos, com monitores que conscientizam sobre a singularidade de Goiás", explica o diretor do Iphan local, Wanderley Oliveira da Silva. O projeto é realizado com crianças da rede pública estadual.

Mas, o que é educação patrimonial. Para que serve? "É um movimento, interdisciplinar, que

visa a conscientização do quanto é importante o patrimônio público", explica a museóloga Maria de Lourdes Horta, diretora do Museu Imperial, em Petrópolis (RJ), que recebe anualmente 250 mil visitantes. A síntese do movimento é fazer as pessoas conhecerem e, acima de tudo, darem valor e gostarem da cidade ou do país onde moram. E estabelecer conexões entre sua história particular — como indivíduo — e a do país.

Lourdes é pioneira em educação patrimonial no país. Estuda o assunto desde 1983 e elaborou o Guia Básico de Educação Patrimonial, encomendado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O objetivo é disseminar uma metodologia de educação patrimonial desenvolvida por eles ao longo de 15 anos. O Guia é voltado para professores que, por meio de oficinas, repassarão os conhecimentos aos alunos.

O guia não chegou a ser distribuído no Distrito Federal. Na época que foi lançado, era o momento de transição entre o governo Cristovam/Roriz. E, desde então, o projeto está parado. "Estamos em conversação com a Secretaria de Educação para levar a educação patrimonial aos colégios em Brasília", adianta Thayz Zugliani, diretora-executiva do Iphan na capital federal.

■ COLABOROU MARCELLO XAVIER